



Av. Joana Angélica: rego atrapalha travessia do cadeirante



Wilson enfrenta mais um obstáculo em direção à Lapa



Ônibus com elevador: rara facilidade do percurso

ACESSIBILIDADE Cidade está despreparada para atender às necessidades de locomoção de portadores de necessidades especiais

Pessoas com deficiência enfrentam maratona para superar obstáculos das ruas de Salvador

CARINE ANDRADE

Automóveis estacionados na calçada e passeios esburacados. Estes são alguns dos vários obstáculos enfrentados diariamente pelo cadeirante Wilson Cruz, 39 anos, ao sair do seu local de trabalho, a ONG Vida Brasil, na Rua da Mouraria, no Centro, com destino à Estação da Lapa.

Vítima de bala perdida há 22 anos, o técnico administrativo diz que sua rotina é cruel. A Rua da Mouraria é pavimentada de paralelepípedos e as calçadas se alternam entre pedras portuguesas, buracos e cerâmicas colocadas por lojistas para decorar a entrada dos estabelecimentos.

O acesso à Estação da Lapa ao lado do Colégio Central é outro desafio para Wilson. "Aqui não dá para descer. No outro lado não tem rampa e a escada rolante vive quebrada", lamenta. Vendo sua cadeira de rodas trepidar e temendo que o passeio irregular danifique o equipamento, Wilson segue pela Avenida Joana Angélica até chegar à Rua 24 de Fevereiro, ao lado da Universidade Católica.

Já na Estação da Lapa, ele desce uma longa e recém-construída rampa de acesso, escura, repleta de fezes, urina e lixo. "Essa é a rotina dos cadeirantes aqui no Centro. Imagine como não é na periferia?", indaga ele, reforçando que os 20 minutos gastos no percurso seriam reduzidos a cinco se o Centro da cidade fosse acessibilizado.

Assim como Wilson, outras 512 mil pessoas têm alguma deficiência ou mobilidade reduzida em Salvador, de acor-

do com o último Censo com esse recorte, feito em 2000 pelo IBGE. O Censo de 2010 será divulgado em dezembro, mas a presidente da Associação Baiana de Deficientes Físicos (Abadef), Luiza Câmara, acredita que passados quase 11 anos "os números cheguem a 600 mil. Com os acidentes de trânsito e a violência urbana, esse número se multiplica a cada dia, porque quando não há óbito deixa sequelas irreversíveis", diz.

Conscientização

Não é apenas a falta de infraestrutura que prejudica o direito de ir e vir dos deficientes. A falta de conscientização da população também é coadjuvante nesse processo. Cego desde a infância, o jovem Pedro Henrique Pessoa, 16 anos, reza para não tropeçar nos amontoados de entulho, veículos, lixo, motocicletas e até postes obstáculos encontrados na calçada da Ladeira da Água Brusca.

"Não acredito que isso vai melhorar. Com o passar dos dias, só piora. Muita gente faz crueldade com o cego, ensina o ônibus errado, empurra de propósito", elenca o rapaz, que estuda à tarde no Instituto de Cegos da Bahia, no

Descumprir a lei não é crime, mas a prefeitura pode ser condenada a pagar multa

Por falta de elevador, Wilson Cruz improvisa na Estação da Lapa descendo de costas a escada rolante



Barbalho.

Ele vai para casa sozinho, mas o percurso até o ponto de ônibus é acompanhado pela pedagoga Eliana Fernandes, que há 23 anos dá orientação sobre mobilidade aos cegos. Para Luiza Câmara, da Abadef, esses exemplos servem para ratificar o quanto "Salvador é uma cidade despreparada para lidar com os deficientes".

Ação civil

Passados quase sete anos da regulamentação da Lei de Acessibilidade (Decreto Federal 5.296/2004) – que prevê que as adaptações em prédios públicos e privados fossem implantadas até julho de 2007 em todo o País, com o objetivo de atender as pessoas com deficiência motora ou sensorial –, poucas ações foram adotadas por parte das autoridades visando ao cumprimento da legislação.

Cabe à prefeitura, por exemplo, a construção de pistas táteis e a instalação de semáforos sonORIZADOS em toda a cidade. Como isso não vem sendo feito, o Ministério Público da Bahia (MP-BA) moveu uma ação civil, em 2008, contra o município, mas a prefeitura recorreu da decisão no Supremo no ano passado, explica a autora da ação, a promotora Silvana Almeida.

Segundo Silvana "o Estado tem que acessibilizar os prédios do CAB (alguns são adaptados), as secretarias e os hospitais. A prefeitura cabe tudo que é administrado por ela, além de fiscalizar as repartições coletivas, como supermercados, shopping centers, porque ela emite os alvarás de funcionamento", completa a promotora Silvana Almeida.

Expectativa é que a Copa mude atual realidade

"O deficiente vive uma segregação. Quem sabe isso não mude com a Copa do Mundo" diz, esperançoso, o cego José Soares Nunes, 41 anos. O secretário da Secopa, Ney Campello, também vê no mundial o momento para que essas ações se concretizem.

Ele explica que existem três projetos de rotas acessíveis à Arena Fonte Nova, que incluem viadutos, passarelas e passeios adaptados para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. Na Arena haverá espaços nas áreas comuns e camarotes para cadeirantes, cegos, surdos, obesos, entre outros.

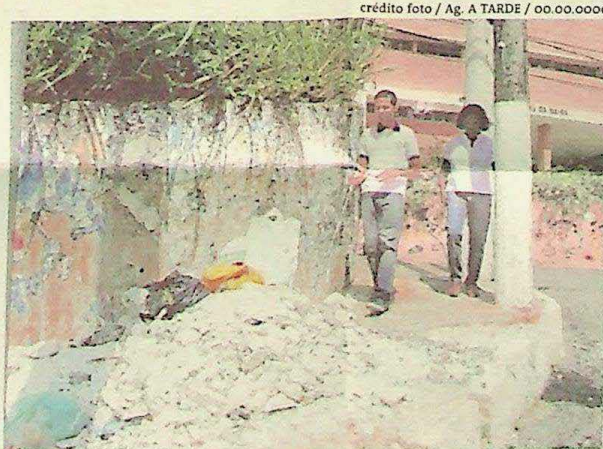
Orçadas em R\$ 41 milhões, as intervenções no entorno da Arena estão previstas para começar no final deste ano, segundo Campello. "A nossa cidade ainda tem uma dívida significativa com os deficientes e isso não vai se resolver com a Copa do Mundo. A Copa é a chance de começar a mudar essa realidade", frisa.

O Superintendente dos Di-

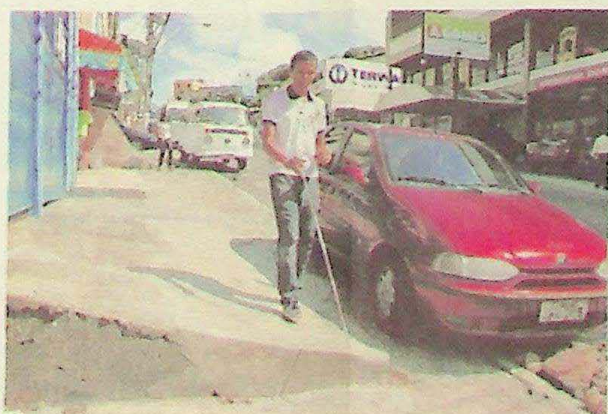
reitos da Pessoa com Deficiência, da Secretaria da Justiça e Direitos Humanos (SJDH), Alexandre Baroni, que é cadeirante, salienta que "a acessibilidade não fica restrita apenas à questão arquitetônica. Tem que se focar também na comunicação, no braille, nas libras", explica.

Adiretora de acessibilidade do órgão, Marília Cavalcante, destaca que existe um plano que visa garantir a mobilidade em todos os projetos ligados à Copa. "A secretaria entende que esse é um direito humano", afirma

As intervenções no entorno da Arena começam este ano com orçamento de R\$ 41 milhões



Junto ao Instituto de Cegos, entulho dificulta a locomoção



Desafio para Henrique: descer a Ladeira da Água Brusca

Prefeitura diz que adota ações para cumprir a lei

A Prefeitura de Salvador informou, em nota, que está desenvolvendo uma série de ações nas áreas de educação, lazer, saúde e transporte público para cumprir a Lei de Acessibilidade.

"Salvador conta com quase 100% das suas praças públicas acessíveis. Na área da saúde, 115 das 155 unidades já obedecem às normas e na área de educação, 95 das 421 escolas contêm banheiros adaptados ou rampas", destaca a nota.

A reportagem de A TARDE constatou que no posto de saúde de Pernambuco há rampa de acesso e sanitários adaptados para deficientes físicos.

A prefeitura informou, também, que uma Comissão Permanente de Acessibilidade (CPA) foi criada, em julho, para elaborar projetos que serão executados na cidade, mas não precisou quais são esses projetos, o cronograma e nem a verba disponível.

Em relação às condições de higiene e conservação da Estação da Lapa, o superintendente da Transalvador, Alber-

to Gordilho, afirmou que vai solicitar a limpeza da rampa de acesso.

Quanto aos semáforos sonORIZADOS, ele disse que "já estamos estudando o custo benefício e os locais que serão colocados, mas não teremos como instalar em toda a cidade. O problema desse semáforo é que ele apita muito e isso incomoda a vizinhança. Uma alternativa seria os semáforos com controle remoto, que seria acionado pelo próprio cego", explica. Gordilho assegurou que a partir do próximo ano os semáforos serão instalados.

Comissão de Acessibilidade (CPA) foi criada, em julho, para elaborar projetos